

PÓVOA
DE
VARZIM

BOLETIM
CULTURAL

VOLUME
XXVII

Nº 2

1990



Asentos das
Lanchas, e
Bateis, e
Principião na fo-
lha Seoninte.

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

P Ó V O A D E V A R Z I M

BOLETIM CULTURAL

DIRECTOR
MANUEL AMORIM

VOL. XXVII

1990

N.º 2

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

VASQUES CALAFATE

O Homem e a Obra

Uma vida em defesa do porto de pesca

por LUÍS RAINHA*

VASQUES CALAFATE
O HOMEM E A OBRA

A mais de um quarto de século do seu falecimento, ocorrido em 4 de Dezembro de 1963, e no centenário do seu nascimento em 12 de Maio de 1890, que teve lugar numa moradia bem perto deste recinto onde hoje nos reunimos, não serão muitos, porventura, os poveiros vivos que tenham privado profundamente com essa personalidade ímpar da vida nacional e local, que foi o Dr. Vasques Calafate.

Solicitado pelo meu conterrâneo e querido amigo Sr. Manuel Ferreira Lopes, por incumbência autárquica, a vir-vos dizer algumas palavras nesta manifestação cívica de saudade traduzida pela efeméride que hoje se comemora, ficou-nos na consciência o benefício da dúvida, quanto à nossa incapacidade para numa ligeira síntese, esboçarmos os contornos dessa alta e riquíssima personalidade que foi o Dr. Vasques Calafate.

Está por fazer uma biografia exaustiva e serena deste grande poveiro, e — parafraseando uma recente afirmação dimanada da Presidência da Edilidade — *“está esquecida ou por conhecer a sua actividade de pedagogo e economista, e por estudar o percurso cívico e político da sua vida e da sua obra”*.

* Discurso proferido junto da estátua de Vasques Calafate quando da homenagem promovida pela Edilidade poveira em razão do primeiro centenário do seu nascimento (1890-1990).

É esta nobre missão de História Cultural há que ser realizada a curto prazo, por quem de direito, e com real capacidade de análise.

Como fomos seu aluno nos nossos primeiros anos liceais, e a seguir seu grande Amigo e Admirador, e convivemos e conversamos muito na última década do seu viver, vamos abordar apenas de forma pontual, algumas reflexões que na sua especificidade nos relembrem neste momento crucial a sua saudosa memória.

Oriundo de uma família prestigiosa do nosso meio, ligada à actividade mercantil do pescado e sua comercialização, desde o berço que o Dr. Vasques Calafate viveu intensamente a problemática da sobrevivência, do risco e da vida do pescador poveiro.

Frequentou com distinção o Curso da então Escola Superior de Letras, que a partir de 1911 se transformou na Faculdade de Letras de Lisboa, onde se licenciou em Ciências Românicas, e onde teve como professores altos valores do pensamento nacional, como os Doutores José Maria Rodrigues, Queirós Veloso e Oliveira Ramos, começando logo a seguir a sua carreira de pedagogo, como Docente do Liceu da Cidade da Horta, no Arquipélago dos Açores.

Ao findar o ano de 1963, logo a seguir ao seu falecimento, escrevemos na Imprensa local sobre a sua capacidade intelectual, e a sua acção o seguinte: “cedo se revelou como grande pedagogo e publicista de mérito, no ensino liceal, como orador fluente, jornalista e homem de letras, e finalmente como Economista de grande merecimento, vindo no Instituto Superior do Comércio do Porto, e depois no Instituto Comercial da mesma cidade a reger a Cátedra nas Cadeiras de Geografia Económica e Economia”.

“A sua inteligência manifestou-se nos mais variados sectores quer de índole literária e humanista, quer de feição socio-económica em aturada colaboração na Imprensa Diária e Regional do País”.

Embora de forma sucinta e neste lugar impróprio, não será despidendo deixar de destacar rapidamente o conjunto bibliográfico de trabalhos da sua autoria, no campo literário, tais como:

— *Moral e Religião* (1920).

— *Acção Social do Carácter* (1922).

— *Optimistas e Pessimistas* (Ensaio e Crónicas).

— *Importância dos Pequenos Portos de Pesca no Mercado Nacional de Pescarias* (tese apresentada ao II Congresso Nacional de Pesca) (1947).

— *A propósito de Eça de Queirós. O Belo e a Verdade* (1951).

— *Internacionalização Económica*. Esquema de Política Económica Internacional, no período decorrente entre o século XVII e a II Guerra Mundial (1951).

- *Elementos de História Geral e Económica* em 2 volumes (1954).
- *O Porto de Pesca da Póvoa de Varzim* Necessidade e Justificação (1955).
- *Vocação Colonizadora dos Portugueses* (1961).
- Finalmente — *Antologia de Textos* em edição póstuma, organizada pelo seu filho o Coronel Luís Cesariny Calafate, em 1966, sob o título de *Verbo, Vigor e Acção*.

É um valioso acervo de trabalhos literários e científicos que constitui um riquíssimo património cultural, que Vasques Calafate nos legou, e que de modo algum pode ser subalternizado ou menosprezado, num olvido de ingratidão e de desinteresse, hoje nesta solene efeméride do centenário do seu nascimento.

UMA VIDA EM DEFESA DO PORTO DE PESCA

Foi no entanto — referimos em letra de forma em 1963 — na intransigente defesa dos Pescadores Poveiros, e na companhia jornalística encetada a nível nacional, em prol da construção do Porto de Pesca da Póvoa de Varzim, como infraestrutura indispensável à promoção e melhoria de vida dos nossos bravos “Lobos do Mar”, que a sua pena e o seu ardor oratório atingiram o esplendor de verdadeiro Amigo Tutelar da Comunidade da Gente do Mar em que a nossa cidade se encontra inserida.

Foram 50 anos de actividade insana e permanente, sem desfalecimentos, com altos e baixos, com sonhos e quimeras, alegrias e frustrações.

Começou com o empolgante Discurso de Apresentação do saudoso Orfeão Poveiro então dirigido pelo Dr. Josué Trocado, outro poveiro de eleição, no pano de boca do Teatro Politeama em Lisboa na década de 20, e continuou logo a seguir com a Campanha para a criação da Casa dos Poveiros, e com toda uma acção e actividade, que só conheceram o fim quando Deus o chamou para Si, em Dezembro de 1963, sem que tivesse a felicidade de ver terminadas as obras portuárias pelas quais tanto lutou.

O historial do nosso Porto de Pesca, foi feito no conceito “churchiliano” com “sangue, suor e lágrimas”. Os seus primórdios vêm das raízes dinásticas de D. Maria I, e do corregedor D. Francisco de Almada e Mendonça, como magistralmente nos elucida o grande polígrafo e

historiador poveiro Manuel Silva no seu trabalho “Antecedentes Históricos do Porto da Póvoa de Varzim”.

Depois de mil vicissitudes e desenganos, o século XIX e o seu consulado da Regeneração Fontista, nada nos adiantou. As governações da 1ª República manifestaram sempre vontade política, mas a degradação da economia, as sequelas da 1ª Guerra Mundial e a grave crise financeira do Estado, impediram que algo pudesse ser feito a favor do Porto de Pesca da Póvoa. Assim entramos nos anos 30 e foi graças à visão do então Ministro das Obras Públicas, Eng^o Duarte Pacheco, que em 1936 foi adjudicada a 1ª fase da construção do molhe norte, à empresa alemã Grünen & Bilfinger, A. G., que construiu os primeiros 300 metros e o cais da doca de perfil transversal.

Mas em 1939, um “diferendum” de carácter técnico, levou à rescisão do contrato de empreitada com a empresa alemã, mas Duarte Pacheco prometeu que as obras teriam a necessária continuidade. Mas logo a seguir Duarte Pacheco morre de um trágico acidente de viação, e entretanto em Setembro de 1939 começa a II Guerra Mundial. Era o colapso.

Sob a vigência do Ministro Ulrich o Porto da Póvoa foi votado a um total ostracismo, e as inclemências dos temporais com a enseada aberta à acção desagregadora das maresias e um irreversível assoreamento, quase por completo arruinaram o Porto Poveiro.

Só com a visita oficial do Ministro Arantes e Oliveira, à Póvoa, em 1 de Junho de 1958, é que foi dada a garantia de decisão de se retomar a continuação das nossas obras portuárias, depois de concluídos os estudos então em curso, sob modelos reduzidos, a cargo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Efectivamente, concluídos estes no Departamento Experimental da Hidráulica Marítima, do mesmo Laboratório Nacional, em começos da década de 60, novos trabalhos de construção se iniciaram, com o prolongamento do Quebra-Mar Norte, seguidos depois em 1975 pela empreitada de complemento das Obras Interiores, com as duas “*dar-sas*” de descarga, a edificação e equipamento da Nova Lota e das estruturas de suporte da mesma, a Torre de Sinalização, os diversos edifícios administrativos, terraplenos, zonas de estacionamento de carga e descarga de pescado, e outros elementos afins, além da retirada de enrocamentos dispersos na zona da barra, e respectivas dragagens. Estes trabalhos têm agora a devida continuidade, com novas empreitadas em curso no momento actual, e que Vasques Calafate não teve a suprema felicidade de ver em vida realizadas.

NÃO PERDER A FÉ NEM A ESPERANÇA
— A MENSAGEM DE VASQUES CALAFATE

Pescadores do mar da Póvoa.

Nesta efeméride do Centenário do nascimento de Vasques Calafate que foi sempre o vosso anjo tutelar, as minhas últimas e humildes palavras, são-vos endereçadas com o coração nas mãos, como soe dizer-se.

Frente a esta Estátua que deste local vos abençoa, este acastelar gigantesco de um milhar de blocos “Anifers” de 40 toneladas, que quase nos corta o panorama portuário, eles representam a garantia incondicional de tão cedo quanto possível virmos a conseguir uma cabeça de molhe forte, solidamente implantada no fundo rochoso, para protecção ao Mar do Oes-Noroeste que fustiga tão frequentemente o acesso à nossa barra.

Por outro lado as super-estruturas dos três *Passadiços de Estacionamento Interior* já também se perfilam no horizonte da nossa visão, bem como a correcção marginal e os novos terraplenos que hão-de dar lugar à criação de novos armazéns para aprestos, redes e materiais de pesca.

Subsiste todavia o grande problema do assoreamento da barra, que urge equacionar com meios permanentes de dragagem, e equipamentos próprios (pequenas draguetas de sucção) ao serviço exclusivo do nosso Porto, 365 dias por ano.

Lembramos aqui infindáveis conversas que tivemos com o Dr. Vasques Calafate, quando nos dizia que a faixa costeira ocidental desde os Cabos da Roca e Carvoeiro até à foz do rio Minho estava sob a acção de correntes aluvionárias permanentes que punham em risco os valores das batimétricas dos acessos de quase todos os nossos Portos Marítimos, abertos à acção oceânica, sem grandes defesas naturais, dada a configuração da linha da costa demasiado lisa.

O problema do assoreamento não é pois exclusivo do Porto da Póvoa, pelo contrário aflige a todas as nossas áreas portuárias, incluindo as do próprio rio Tejo.

O Criador não nos afagou com o seu poder onnipotente, como o fez aqui bem perto, à nossa vizinha Galiza, com a grandeza das suas numerosas rias profundas, das quais destacamos a de Vigo, com três barras naturais de 80 braças (120 m) de profundidade cada uma. Mas nem por isso devemos perder a fé, nem emigrar internamente para a Baleira no Algarve, para Peniche, Nazaré, ou Figueira da Foz, onde

tenho encontrado inúmeros contrerrâneos nossos, com suas embarcações a trabalhar permanentemente.

Penso traduzir a mensagem que Vasques Calafate — se chegasse aos 100 anos com vida — hoje nos dirigiria a todos: seria a de que não perdessem a fé e a esperança, e voltassem ao mar da Póvoa, e à utilização continuada das suas instalações portuárias agora em fase de melhoria das suas condições de acesso e de desenvolvimento do estacionamento interior.

Se assim procederdes, o grande poveiro perpetuado neste bronze, vos abençoará.

A todos muito obrigado!

Tenho dito.

(Transcrito de *A Voz de Póvoa*, Ano X, 17 de Maio de 1990 — Nº 442, pp. 8-9)